



## ÁREA DE VIDA E DESLOCAMENTO DE *AKODON MONTENSIS* E *GRACILINANUS MICROTARSUS* EM UM FRAGMENTO NO SUL DE MINAS GERAIS

Fontes, S.V.; Passamani, M.; Jacinto, C.H.; Pereira, M.S.; Sant'Ana, A.P.P.

Universidade Federal de Lavras, Departamento de Biologia 37200-000, Lavras, Minas Gerais. stevfontes@yahoo.com.br

### INTRODUÇÃO

Área de vida ou de utilização é o local onde eles passam grande parte do tempo realizando suas atividades, e dentro dela possui locais para fuga de predadores (Odum, 1983). A área de vida pode variar dependendo da espécie, do sexo, bem como tamanho e hábito alimentar (Bergallo, 1995). Para determinarmos à área de vida de um animal, precisamos saber de seu deslocamento dentro de uma área, e tal deslocamento pode refletir sua busca por recursos, como alimento, parceiro e demarcação de território.

A crescente devastação e fragmentação da Mata Atlântica têm alterado o uso do espaço pelas espécies de mamíferos, podendo ocasionar uma diminuição da distribuição geográfica das espécies. Ao todo, este bioma apresentava 1.300.000 km<sup>2</sup> (15% do território brasileiro), sendo que hoje restam apenas 7% de sua formação original (SOS Mata Atlântica & INPE, 2000).

A Mata Atlântica possui 250 espécies conhecidas de mamíferos, onde destas 55 são endêmicas. Das 209 espécies de roedores e marsupiais que ocorrem no Brasil, 23 são espécies de marsupiais e 79 de roedores, dos quais 39% e 46%, respectivamente, são espécies endêmicas (Fonseca et al., 1996). Dentre estas estão *Akodon montensis*, que é um pequeno roedor terrestre de hábito alimentar insetívoro-onívoro e *Gracilinanus microtarsus*, um pequeno marsupial arborícola de hábito alimentar insetívoro-onívoro, e estas são as duas espécies mais abundantes em um fragmento de mata na região de Lavras, Minas Gerais (Sant'Ana, 2007). Dessa forma, este trabalho teve como objetivo determinar a área de vida e o deslocamento destas duas espécies em um fragmento no sul de Minas Gerais.

### MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado na Reserva Florestal da Universidade Federal de Lavras, MG (21° 13' 40" S

e 44° 57' 50" W), um fragmento de 5,8 ha com uma altitude de 925 m, e vegetação do tipo Floresta Estacional Semidecidual Montana. (Velooso et al., 1991).

A coleta de dados compreendeu o período de agosto de 2006 a abril de 2007, onde foram realizadas coletas mensais, durante seis dias consecutivos. As armadilhas foram colocadas num sistema de grade de 7 x 6 pontos, eqüidistantes 20 m uma da outra e numa linha móvel de sete pontos que era deslocada paralelamente à grade a cada dia de coleta, com o intuito de aumentar a área de amostragem e possibilitar avaliar deslocamentos e área de vida dos animais amostrados. Em cada ponto foram colocadas duas armadilhas: uma disposta no estrato inferior (solo) e outra no estrato médio (entre 1,0 e 2,0 m de altura) fixada em galhos de árvores, totalizando 96 armadilhas. Foram usadas armadilhas do tipo Sherman pequenas (25,0 x 9,0 x 8,0) e grandes (43,0 x 12,5 x 14,5) alternadas, além de algumas de grades grandes (45,0 x 16,0 x 16,0). As armadilhas foram iscadas com uma mistura composta por banana, amendoim, óleo de fígado de bacalhau (emulsão Scot) e fubá e eram trocadas quando necessária. O método utilizado foi captura-marcação-recaptura e os animais capturados foram identificados, marcados com brincos numerados, pesados e averiguado o sexo e condição reprodutiva.

A área de vida das espécies foi calculada usando o método do Mínimo Polígono Convexo e foram calculadas tanto para machos quanto para fêmeas com o intuito de verificar diferença entre os sexos. Os deslocamentos foram avaliados em intervalos de 24 horas e foram obtidos a partir das capturas sucessivas dos indivíduos dentro da grade de amostragem e avaliados separadamente entre os sexos.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

A área de vida de *A. montensis* foi avaliada para 17 indivíduos, apresentando uma média de 2652 ±

3125m<sup>2</sup> (variando de 280 a 11850m<sup>2</sup>). Quando avaliada a área de vida em relação ao sexo, as fêmeas de *A. montensis* apresentaram menores valores (1092 ± 1007m<sup>2</sup>) que os machos (1460 ± 934m<sup>2</sup>) e esta diferença não se mostrou significativa (t = 0,582; p = 0,576). Enquanto a área de vida de *G. microtarsus* obteve uma média de 2128 ± 1674m<sup>2</sup> (variando de 280 a 5430m<sup>2</sup>) para 15 indivíduos avaliados. As fêmeas de *G. microtarsus* tiveram uma área de vida média de 2897 ± 1962m<sup>2</sup> (variando de 430 a 5430m<sup>2</sup>) e os machos de 1638 ± 1298m<sup>2</sup> (variando de 280 a 3850m<sup>2</sup>) sendo esta diferença não significativa (t = 1,336; p = 0,208).

O deslocamento de *A. montensis* foi avaliado com 24 indivíduos mostrando uma média de 48,7 ± 48,6m (podendo variar de 20 a 201m). Com relação ao sexo, as fêmeas apresentaram um deslocamento médio de 46,5 ± 52,9m (variando de 20 a 201m) e os machos de 31,3 ± 22,9m (variando de 20 a 82,5m) e esta diferença não se mostrou significativa (t = 0,715; p = 0,484). Para *G. microtarsus* foram avaliados 19 indivíduos e a distância média percorrida foi de 47,7 ± 29,4m (variando de 20 a 120m). Em relação ao sexo, as fêmeas apresentaram um deslocamento médio de 59,7 ± 30,7m (variando de 20 a 120m) e os machos 27,1 ± 8,8m (variando de 20 a 44,7m), e este maior deslocamento das fêmeas se mostrou significativo (t = 2,176; p = 0,015). Não está muito claro quais os fatores que podem estar influenciando um maior deslocamento das fêmeas de *G. microtarsus* quando comparados com o dos machos. Portanto a avaliação destes parâmetros entre estação reprodutiva e não reprodutiva poderia ajudar a entender se existe um fator relacionado à modificação da taxa metabólica nestes dois períodos, semelhante ao que já foi proposto para outras espécies de pequenos mamíferos no Brasil (Bergallo, 1995).

(Este trabalho recebeu apoio financeiro da Fapemig)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Bergallo, H.G. 1995.** Os Efeitos da disponibilidade de alimentos e dos fatores climáticos na reprodução, condição, crescimento e uso do espaço por quatro espécies de roedores do sudeste do Brasil. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

**Fonseca, G.A.B.; Hermann, G.; Leite, Y.L.R.; Mittermeier, R.A.; Rylands, A.B.; Patton, J.L. 1996.** Lista anotada dos mamíferos do Brasil. *Occasional Papers in Conservation Biology*, 4: 1-38.

**Ludwig G. 2006.** Área de vida e uso do espaço por *Alouatta caraya* (Humboldt, 1812) em ilha e continente do alto rio Paraná. Tese de Mestrado, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

**Odum, E. P. 1983.** Ecologia. Rio de Janeiro: Interamericana, 434p.

**Sant'Ana, A.P.P. 2007.** Pequenos Mamíferos em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual Montana em Lavras, MG. Monografia de Graduação. Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais.

**SOS Mata Atlântica & INPE. 2000.** Evolução dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas Associados no Domínio Mata Atlântica. SOS Mata Atlântica, Instituto de Pesquisa Espaciais, São Paulo, Brasil.

**Veloso, H.P.; Rangel-Filho, AL.R.; Lima, J.C.A. 1991.** Classificação da Vegetação Brasileira, adaptada a um sistema universal. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, 1991. 124 p.